

A intervenção do design na valorização de produtos artesanais portugueses – os casos do calçado, instrumentos musicais e cutelaria

The intervention of design in the valorization of Portuguese artisanal products - the cases of footwear, musical instruments and cutlery

**João Oliveira; Designer Industrial e estudante de mestrado em Design de Produto;
ESAD.CR – IPEleiria; Portugal**
joaooliveira0@hotmail.com

**Marta Fernandes; Designer Industrial e estudante de mestrado em Design de Produto;
ESAD.CR – IPEleiria; Portugal**
msjf675@gmail.com

**Sérgio Teixeira; Designer Industrial e estudante de mestrado em Design de Produto;
ESAD.CR – IPEleiria; Portugal**
sergio_teixeira2000@hotmail.com

José Manuel C. B. C. Frade; Dr.; ESAD.CR – IPEleiria; Portugal
jose.frade@ipleiria.pt

Resumo

Este trabalho investiga o efeito da intervenção do design sobre a evolução do artesanato português nomeadamente na área do calçado, instrumentos musicais de corda e cutelaria. Nos casos estudados a intervenção é mais evidente no calçado e na cutelaria. O artesanato é fonte de inspiração ao eco-design e incrementa a dimensão cultural dos produtos. Alguns designers procuram ligar os seus produtos aos objetos de artesanato, repescando e modernizando modelos de negócio, técnicas, estéticas, materiais e até funções, preservando modos de fazer e produtos que de outra forma seriam esquecidos. A intervenção do design no artesanato cria um certo revivalismo necessário ao crescimento do mercado e à valorização do que é original, local, tradicional e que faz parte do património cultural dos povos. O objetivo principal dos instrumentos musicais é a eficácia da função que é conseguida pelo aprimorar das tecnologias construtivas que têm sido transmitidas entre gerações de mestres.

Palavras chave: Design, Artesanato; Património; Tradição; Valor

Abstract

This work investigates the effect of design intervention on the evolution of Portuguese handicrafts, namely in the area of footwear, stringed musical instruments and cutlery. In the cases studied, the

intervention is more evident in footwear and cutlery. Craftsmanship is a source of inspiration for eco-design and increases the cultural dimension of the products. Some designers seek to link their products to craft objects, revising and modernizing business models, techniques, aesthetics, materials and even functions, preserving ways of making and products that would otherwise be forgotten. The intervention of design in handicrafts creates a certain revival that is necessary for the growth of the market and the appreciation of what is original, local, traditional and which forms part of the cultural heritage of the people. The main objective of musical instruments is the effectiveness of the function that is achieved by improving the constructive technologies that have been transmitted between generations of masters.

Key words: Design; Artesanal Handicraft; Heritage; Tradition; Value; Target audience

Estudo de casos

O artesanato é uma atividade destinada à elaboração de determinado produto realizado com técnicas tradicionais ou manuais e é normalmente associado a procedimentos e materiais simples que fazem parte de uma tradição cultural ancestral. O artesanato desde sempre representou uma parte importante nas tradições da cultura portuguesa e surgiu como uma forma de materializar ideias, criar e produzir objetos que por muitos anos serviram às pequenas populações das cidades e aldeias que se juntavam nas feiras, mercados e oficinas para comprar estes objetos principalmente para suprimir necessidades associadas ao quotidiano ou ao trabalho por exemplo.

Tendo em vista avaliar o efeito da intervenção do design sobre três áreas do artesanato foram investigados os três estudos de caso seguintes:

- calçado característico do norte interior de Portugal tendo em conta o trabalho da designer Susana Ribeiro com a marca de calçado Entrudo que se inspira nas tradições do Carnaval dos Caretos Transmontano para criar produtos com um design único e invulgar;
- instrumentos musicais de corda produzidos pela oficina Artimúsica;
- cutelaria tendo em conta o trabalho do designer Paulo Tuna Bladesmith, produtor de facas artesanais que embora produzidas nas Caldas Da Rainha, já correm o mundo nas cozinhas dos chefes mais prestigiados que parece não dispensarem a devida função destas ferramentas associada a um design elegante.

Portugal tem uma enorme indústria de calçado que esta concentrada maioritariamente na região norte do país. A título de exemplo, um dos primeiros tipos de calçado a ser fabricado por artesãos e vendido em Portugal foram os socos e tamancos, figuras 1 e 2. Com sola de madeira alta e topo em couro que era fixado com taxas ou remates, eram maioritariamente usados por agricultores em zonas húmidas para trabalhos em que era necessário passar por terrenos com lama. A sola permitia manter os pés secos a um nível acima do chão e a pele ou couro mantinha a temperatura e dava o conforto necessário. Nos últimos anos verificou-se um acentuado crescimento de marcas e design próprio nesta área, no entanto desde os tempos mais remotos que se fabrica calçado em Portugal. Antigamente, o calçado produzido artesanalmente era predominantemente vendido em feiras ou fabricado em casa por sapateiros que aprendiam a arte de geração em geração e vendiam aos vizinhos e conhecidos da aldeia.



Figuras 1/2 – Construção de tamancos; Armando Santos, o último artesão tamanqueiro da aldeia de Alverca da Beira, Pinhel.

Ainda hoje podemos observar em feiras e mercados populares pequenas bancas de calçado produzido tradicionalmente com peles e couros naturais que são normalmente usados nas atividades de trabalho dos seus utilizadores.

O estudo de caso selecionado no presente trabalho é a marca de calçado Entrudo é uma das mais recentes marcas prestigiadas no mundo do calçado português, foi criada em Felgueiras, de uma vontade familiar da designer Susana Ribeiro e seu marido Miguel Duarte de fazer calçado dando continuidade ou reforçando uma tradição bem própria do local onde residem.

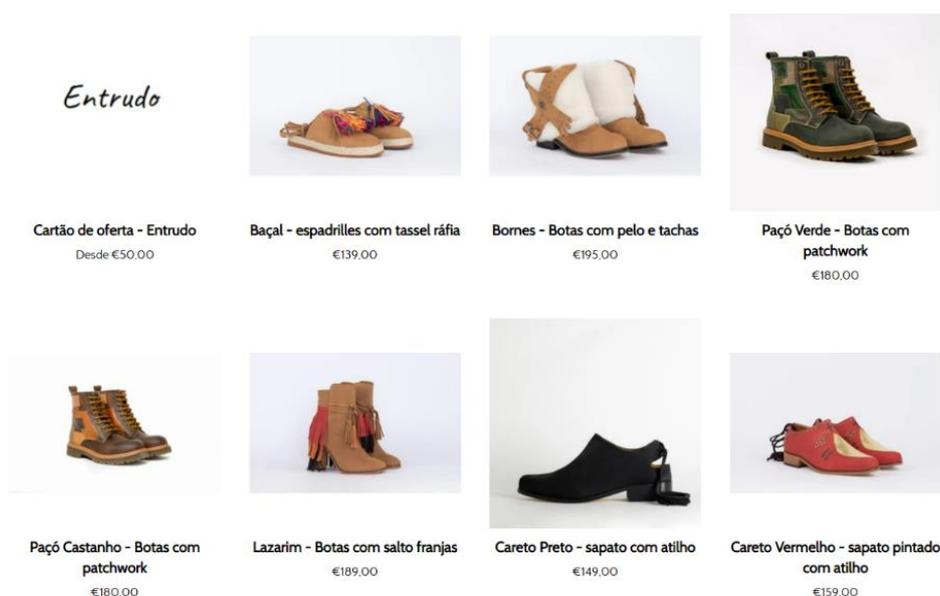
O objetivo principal deste projeto foi a criação de uma marca de calçado diferente do habitual com inspiração no Carnaval dos caretos de Trás os montes, nas cores, nos fatos e na tradição.

No interior norte de Portugal perdura há vários séculos o Entrudo que consiste nas celebrações do Carnaval pagã que começam em dezembro com a festa dos Rapazes na aldeia de Ousilhão e terminam em fevereiro com a entrada da época de Quaresma e a Queima do Diabo, celebrações que simbolizam o fim de um ciclo mau e início de um melhor. Nestas festividades participam várias aldeias da região e cada terra tem o seu próprio tipo de fato todos feitos à mão com lãs coloridas e tecidos muitas vezes 100% naturais, figuras 3 e 4.



Figura 3\4 – Fatos e máscaras dos caretos de Podence e Ousilhão (Regiões de Trás-os-Montes).

A marca Entrudo inspira-se no design dos fatos para a criação da sua coleção de sapatos que são produzidos em Portugal. Na confecção destes produtos são utilizadas matérias-primas de alta qualidade e todas as aplicações são feitas e colocadas manualmente. O corte é também manual e as palmilhas são desenhadas garantindo o maior conforto possível aos pés. A cada par é dado o nome da aldeia da qual surgiu a respetiva inspiração, figura 5, o que reflete um cuidado especial e distintivo da marca destes produtos.



Figura

5 - Exemplos de produtos da marca Entrudo.

Em termos de sustentabilidade um dos princípios da marca é uma tentativa bem conseguida de se distanciar da *fast fashion* e criar peças que valorizam o património material e cultural e mais importante ainda, peças que contam histórias. A produção é realizada sempre em pequenas quantidades, mantendo o prestígio e o valor bem notório de cada par de calçado. Esta coleção de calçado encontra-se atualmente à venda em vários comércios locais e lojas de calçado por todo o país.

Relativamente aos instrumentos musicais artesanais de corda deve-se sublinhar que na primeira metade do século XVIII a música foi-se transformando numa componente essencial da educação mais cuidada, nada esquecida pela nobreza e, acima de tudo, por uma média e alta burguesias de uma sociedade que louva a cultura. Se na primeira metade do século XVIII, a existência de instrumentos musicais já era uma realidade nos ambientes domésticos, na segunda metade, passou a generalizar-se em linha com o aumento de fabricantes e vendedoras daqueles objetos em especial de guitarras e violas que certamente satisfaziam uma clientela mais popular, com uma vivência de bairro, onde as guitarras e as violas acompanhavam, muito provavelmente, vozes castiças seduzidas pelo ritmo da música popular. São conhecidos por exemplo os estabelecimentos comerciais geridos por José Gomes, na Rua do Benfornoso, com venda de instrumentos de corda João Pedro Garcia, na R. da Boavista, com oficina de guitarras; José d'Oliveira, na R. dos Remédios, guitarrero, António Joaquim dos Reis, na R. de S. José, com oficina de violeiro.

Naquele tempo, os clientes mais comuns para os violeiros são os músicos, sendo os mais habituais trovadores e/ou fadistas, com destaque ao último nos dias de hoje. O fado é destacado como um símbolo do povo, que agarra na tradição que é e tira partido das outras que a envolvem, a guitarra portuguesa, desta forma tem como objetivo transmitir a nossa vida quotidiana com um tom de dor e melancolia.

A guitarra portuguesa parece ter resultado de uma fusão entre dois instrumentos: o cisto europeu e a guitarra inglesa. Isto poderá explicar as diferenças de construção, de estrutura e de afinação entre as duas principais guitarras portuguesas, a guitarra de coimbra, com origem no porto, e a guitarra de lisboa.

Desta forma, a guitarra passou a desempenhar um papel social e musical muito importante, desde o início do século XVIII. Será a partir desta altura que a guitarra sofre reajustamentos diversos, com vista a melhor se adaptar às raízes da música tradicional portuguesa.

O estudo de caso selecionado para o presente trabalho é a empresa Artimúsica Instrumentos Musicais, LDA, que foi fundada em setembro de 1992 e que tem desde a sua origem o objetivo da construção artesanal de instrumentos tradicionais portugueses inspirada no trabalho exclusivamente artesanal e tradicional, seguindo todos os passos que foram transmitidos e ensinados pelos mestres anteriores aos mestres atuais, usando apenas materiais que consigam ser trabalhados à mão, como a madeira. O método tradicional de construção começou há cerca de 100 anos pelo mestre Joaquim José Machado, avô dos atuais donos da empresa, Manuel Carvalho e José Carvalho. A ideia implementada pela Artimúsica é de que continua a ser uma oficina onde os instrumentos são construídos e não fabricados, de forma artesanal e fiel às tradições. O objetivo é seguir o caminho artesanal e tradicional optando por um serviço mais pessoal e customizado ao cliente procurando que cada instrumento seja único. Na Artimúsica são produzidos todos os instrumentos de cordas tradicionais de Portugal, sendo que os mais procurados são o cavaquinho e a guitarra de fado, figura 6, enquanto nas violas as mais desejadas são as campaniça e a braguesa.

O processo de produção dos instrumentos começa com a escolha de madeiras principalmente maciças e posterior secagem lenta. A madeira é cortada em várias peças que mais tarde são montadas de acordo com o projeto de cada produto e que são fixadas a partir nomeadamente de encaixes e colagens.

Os instrumentos artesanais são diferenciados pelas mãos que as constroem e pelo músico que as toca, sendo que todas as peças são totalmente únicas e comparáveis a uma obra de arte, um pequeno “Magnum opus”.

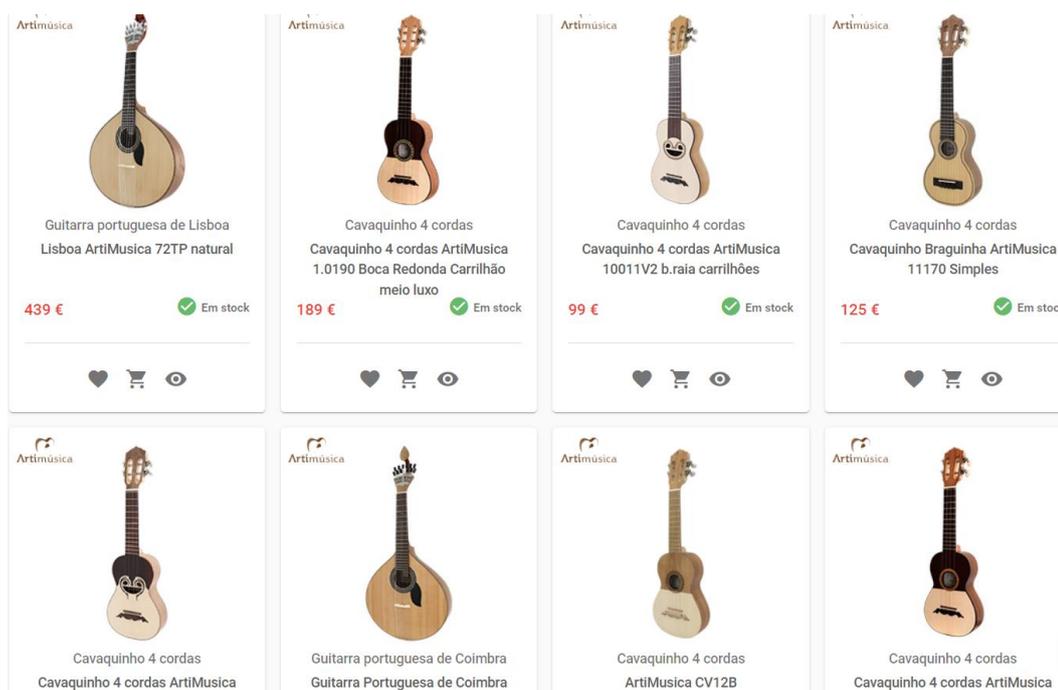


Figura 6 – Exemplo de produtos da marca Artimúsica.

A cutelaria de facas faz parte da história da humanidade e não seria possível imaginar o desenvolvimento da espécie humana e sua consequente sobrevivência sem as facas, sem as pontas das lanças de madeira, sem os instrumentos para cortar couro para as roupas e sem as armas para a defesa das aglomerações humanas no passado.

No caso de colecionadores é interessante observar o aumento do nível de exigência dos consumidores, tornando a cutelaria artesanal uma arte que produz peças cada vez mais elaboradas, figura 7.

As facas atualmente são classificadas como utilitárias e desportivas, mas ainda podemos observar que existem diversos outros tipos, como facas de arremesso, facas decorativas, facas de caça, facas de cozinha, facas de botas, facas militares, entre outros tipos.



Figura 7 - Facas em exposição no Salão da Cutelaria.

A cutelaria artesanal é um ramo da cutelaria que se pratica através do esforço e da habilidade artística manual, sem fazer uso excessivo de máquinas.

Em Portugal, temos diversos cuteleiros artesanais, que produzem material de excelente qualidade, sendo profissionais reconhecidos internacionalmente. Na arte da cutelaria, como noutros tipos de arte, a produção artesanal, quando feita em baixa quantidade de produção, detém um status de artigo único, de luxo.

Na cutelaria, como manufatura artesanal, o artesão utiliza uma série de ações sequenciais para confeccionar cada lâmina, podendo haver vários artesãos, cada um com a sua especialidade. A cutelaria industrial, por sua vez, é feita em larga escala de produção, aplicando métodos de produção em serie e menor diferenciação nos produtos produzidos.

Em tempos a cutelaria portuguesa foi muito reservada a navalhas, canivetes e típicas facas de cozinha. No século passado bem como nos começos dos anos 2000, as navalhas eram o epicentro da cutelaria portuguesa e são considerados produtos emblemáticos da história do artesanato português.

O canivete português tem uma história longa, figura 8, mas foi quando esta ameaçava perder-se que um grupo de cuteleiros portugueses decidiram tomar medidas. Foi com a recuperação dos modelos do canivete português que voltaram à produção de cutelaria artesanal — estavam ligados à produção industrial de cutelaria e perceberam “que o canivete de bolso estava a perder qualidade com a invasão dos produtos de baixo preço oriundos do oriente por efeito da globalização. Mais do que referências a locais ou funções, os nomes dados aos canivetes (corneto, enxertio, relvas, direita, marinheiro, cuchila, cabriteira, caneaças e bandido) eram a prova de que havia uma relação com o objeto que merecia ser mantida.



Figura 8 - Alguns exemplos de navalhas e canivetes feitos á mão.

Com o crescer do mercado e das inovações, a cutelaria portuguesa evoluiu bastante aumentando a criação de facas de cozinha, facas de mato, facas de serrilha, punhais, cutelo, entre outros.

No caso de estudo selecionado para o presente trabalho vamos apresentar o projeto Paulo Tuna Bladesmith. De ascendência transmontana, Paulo Tuna, figura 9, cresceu entre a cidade de Vila Real e os campos de velhos castanheiros de família, situados entre o maciço granítico do Marão e os vales férteis da Campeã. No decorrer da década de 1990, o curso de escultura nas Caldas da Rainha permitiu-lhe explorar limites, apurar o talento inato do desenho, submeter-se à disciplina do atelier. Trabalho, persistência, conhecimento profundo da matéria-prima. As suas peças, irrepetíveis, são concebidas de raiz e criadas a partir de um desenho em que verte o conhecimento técnico adquirido e a experiência que os anos emprestaram.



Figura 9 - Paulo Tuna, Cuteleiro das Caldas da Rainha.

Paulo Tuna faz facas únicas a custarem algumas centenas de euros, figuras 10 a 13. Não há duas peças iguais, a martelada na lâmina é como se fosse a sua impressão digital. No entanto, o cuteleiro não põe de parte a ideia de criar um modelo de uma faca de mesa ou de uma navalha e mandar produzir em série numa fábrica. Só assim lhe sobrar tempo para fazer facas de chefe e ainda imaginar uma nova todos os dias.



Figura 10 - Alguns exemplos de facas criadas por Paulo Tuna.



Figura 11 - Punhal de Ostras Aço Inoxidável e Pau Santo.



Figura 12 - Deba Aço O2 e Pau Santo.



Figura 13 - Punhal de Ostras Aço Inoxidável e Pau Santo.

Fazer uma faca é, para Paulo Tuna, um processo de modelação, em tudo semelhante ao manusear blocos de pedra na escultura, só mudam as dimensões. Nas figuras 14 e 15 apresentam-se duas fases do processo

de cutelaria artesanal. As paredes da sua oficina com pé-direito alto funcionam como uma tela em branco na qual gosta de desenhar a carvão os primeiros esboços.



Figura 14 - Aquecimento e moldagem do aço de forma a criar a forma da lâmina.



Figura 15. Afição da lâmina usando uma lixa de metal.

O torno, a bigorna, a serra e o martelo – ferramentas essenciais para o processo de cutelaria – são peças portuguesas encontradas em feiras e velharias, onde também costuma comprar facas antigas a juntar à coleção de 150 canivetes que são certamente fonte de inspiração de novos projetos. O seu trabalho é valorizado pela minúcia da mão de obra, pelos materiais nobres, mas também pelos cunhos de outros artistas da região em trabalhos colaborativos. Juntamente com o couteleiro Carlos Nobre, em 2012, deram conta da encomenda do chefe Leonardo Pereira: 100 facas para o Noma, em Copenhaga, na altura “o melhor restaurante do mundo”.

O trabalho feito à mão continua a ser fundamental no fabrico de navalhas e canivetes, de facas de cozinha ou de caça. “Uma navalha é manipulada umas 80 vezes até ficar pronta”, das placas de aço cortadas em retângulos às lâminas revestidas, tratadas e polidas vezes sem conta, à madeira (freixo e azinheira, sobretudo, mas também oliveira, pau-santo da Índia, ébano e bubinga) cortada, lixada e arredondada à medida de cada cabo.

Nas Caldas da Rainha, entre Santa Catarina, Relvas e Benedita, já existiram perto de 60 couteleiros, agora não passam a meia dúzia. Há uma década, Carlos Norte, 50 anos, e outros artesãos do aço criaram o coletivo Lombo do Ferreiro, numa alusão ao sítio arqueológico no concelho de Alcobaça, onde foram identificados numerosos vestígios de atividade metalúrgica. Na internet, abriu a Loja das Facas, para promover os canivetes tradicionais portugueses, alargando depois o catálogo a outras marcas.

O artesanato é uma das possíveis vias de inspiração para o design de produto contemporâneo constituindo-se como uma ferramenta útil do processo de design. De facto, faz parte da origem dos artesãos a utilização de materiais locais, a fabricação manual, a utilização de ferramentas simples e um baixo impacto ambiental o que os torna uma mais-valia para o mundo do design de produto com preocupações ao nível da sustentabilidade.

O carácter sustentável dos produtos, dos processos e dos modelos de negócio são hoje cada vez mais valorizados pelos mercados. A importância de alargar o ciclo de vida de um produto ou de lhe associar a dimensão emocional para o mesmo fim são atualmente estratégias de ecodesign e de design para a sustentabilidade. Os produtos de artesanato tendem a ter longos ciclos de vida principalmente aqueles que integravam funções importantes para o quotidiano dos homens. Não deixa de ser interessante que nos tempos mais antigos crê-se que o calçado e a cutelaria teriam que obedecer principalmente a requisitos funcionais, embora se distinguissem entre produtos, por requisitos formais e estéticos. No passado estes objetos deviam ter prolongados tempos de ciclo de vida dada a disponibilidade económica da maioria da população. Este ciclo de vida obrigava certamente a uma acertada seleção de materiais disponíveis localmente e à utilização de tecnologias simples e eficazes para os transformar nos produtos finais. Já os instrumentos musicais estão associados a uma componente importante da cultura dos povos, equilibrando-os socialmente e emocionalmente. Esta realidade mostra a proximidade que parece haver entre o artesanato e a sustentabilidade e por isso ter em consideração no processo de design a história e a origem dos produtos e dos modos de fazer, valorizar os artesãos como pessoas sabias que cresceram com as tradições, que respeitam o que é local e dominam as técnicas simples de fabricação dos objetos pode ser uma importante oportunidade para o design de produto.

Por outro lado, o valor pelo qual os produtos de artesanato eram vendidos não fazia jus ao tempo e trabalho que neles era investido, mas era o justo tendo em conta as posses dos compradores que muitas vezes viviam do pouco que tinham e pagavam umas vezes com dinheiro outras através de uma economia de trocas diretas. A intervenção do design no calçado e na cutelaria permite transformar uma produção artesanal muitas vezes standardizada ao longo de gerações em coleções de pequenas séries ou produtos customizados únicos incrementando significativamente o valor dos objetos. Note-se que no caso dos instrumentos musicais, o objetivo é semelhante, no entanto, parece haver no caso estudado uma menor intervenção do design nesta atividade artesanal ou ofical. Provavelmente tal deve ter haver com a grande especialização técnica que os construtores destes objetos têm que ter e que é fundamentalmente passada de geração em geração na família ou mesmo na atividade profissional. Não sendo óbvio no estudo de caso estudado, parece-nos, no entanto, que a colaboração entre estes profissionais e os designers pode potencialmente melhorar dimensão não técnica destes instrumentos incrementando-lhes o valor.

Hoje em dia a intervenção do design sobre o artesanato parece ter o potencial de incrementar o valor associado aos produtos nomeadamente pela diferenciação do prestígio de possuir uma peça única e manual no meio de um mundo com tantas peças iguais e industrializadas. Quem desejar comprar estes produtos deverá valorizar as horas de trabalho investidas em cada peça e por isso estará disposto a pagar um preço mais justo (mais elevado) do que aquele que está normalmente disposto a pagar por um produto de artesanato. Se por um lado, esta realidade é mais justa para o artesão, por outro lado, as vendas tendem a diminuir, pois, quem potencialmente compra estes objetos é um segmento de mercado (elite) de menor dimensão constituído por exemplo pelos amantes das artes e do design, os colecionadores, as pessoas que por algum motivo pessoal sentem uma ligação emocional com as peças. Enquanto que mercado do artesanato parece ser um público mais geral que compra pela funcionalidade, património

cultural, etc; o mercado dos objetos de design exclusivos (incluído os que têm na sua origem o artesanato) é um público de classe média\alta que compra pelo prazer de ter, pela estética ou pela história de cada objeto.

A procura por certos consumidores pela produção manual e sustentável está também ligada com as preocupações mais recentes que não existiam nos tempos mais remotos. Estes consumidores tendem a atribuir tanto valor ao método de produção como ao produto final, procurando comprar com consciência de todo o processo por detrás do produto o que acaba por valorizar ainda mais o artesão e o artesanato.

Conclusões

Alguns designers procuram ligar os seus produtos aos objetos de artesanato, repescando e modernizando técnicas, estéticas, materiais e até funções. Esta realidade contribui para preservar modos de fazer e produtos que de outra forma eram certamente mais facilmente esquecidos. A intervenção do design no artesanato mostra-se também importante para criar um certo revivalismo necessário ao crescimento do mercado e à valorização do que é original, local, tradicional e que faz parte do património cultural dos povos.

Conclui-se através dos 3 casos investigados em Portugal que diferentes tipos de ligação entre o artesanato e o design são importantes porque permitem inspirar o design, tendem a preservar, divulgar e valorizar o património tecnológico, material e cultural dos povos; permite a oferta de novos produtos com uma “velha história”, potenciam o incremento do valor dos produtos que são produzidos pelos artesãos e a sua diferenciação e atualização, dão visibilidade ao artesanato nomeadamente através de estratégias bem sucedidas no âmbito do design de comunicação e de novos modelos de negócio que visam direcionar os produtos para novos públicos como por exemplo colecionadores e alargar o mercado dos objetos nomeadamente para o online e a própria internacionalização. Por outro lado, a contaminação do design pelo artesanato convida à utilização por parte dos designers de tecnologias simples (muitas vezes manuais), de baixo custo e acessíveis e à utilização predominantemente de materiais locais quase sempre de baixo impacto ambiental, estratégias que também visam a criação de produtos sustentáveis. Portanto, a colaboração entre design e artesanato tem o potencial de ser uma relação de simbiose.

Bibliografia

- Ana Luiza Cerqueira Freitas; Design e Artesanato Uma experiência de inserção da metodologia de projeto de produto. 2ª edição; ISBN 978-85-8039-030-8; 2ª edição (2017).
- Ângela Ferreira, Manuela Neves, Cristina Rodrigues; Design e Artesanato: um projeto sustentável; ISSN 2179 – 1619, Redige, V 3; N° 1 (2012).
- Ângela A. S. Ferreira; Intervenção do design no artesanato : aplicação aos produtos do IMA; Tese Mestrado; universidade Minho (2008)
- Cláudia R. S. M. Albino; Os sentidos do lugar: valorização da identidade do território pelo design; Tese doutoramento, UA (2015).
- Sílvia Jesus; Design e artesanato : uma abordagem ao mobiliário popular alentejano; Tese de Mestrado; Universidade de Lisboa (2014).

Outras Referências

<https://www.portugalplease.com/sobre-a-regiao/artesinato> (acessível fevereiro 2022)

<https://entrudo.com/> (acessível fevereiro 2022)

<http://www.feiradebarcelos.com/catalogo/artesinato-de-madeira/tamancos-tradicionais.html/>
(acessível fevereiro 2022)

<https://rr.sapo.pt/noticia/pais/2016/04/11/ainda-ha-tamancos-e-tamancas-em-pinhel-armando-santos-da-vida-aos-paus/51445/> (acessível fevereiro 2022)

<https://manuelcarvalhooficial.pt/> (acessível fevereiro 2022)

<http://attambur.com/Instrumentos/Portugueses/cordofones.htm> (acessível fevereiro 2022)

<https://run.unl.pt/bitstream/10362/19098/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20-%20-%2014.pdf> (acessível fevereiro 2022)

<http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/cad4/44.pdf> (acessível fevereiro 2022)

<https://sites.ipleiria.pt/projetocp2s/2017/12/19/dissertacao-de-mestrado-de-francisca-branco-barro/> (acessível fevereiro 2022)

<https://web.fe.up.pt/~ideiam/t.guitarra.htm> (acessível fevereiro 2022)

<https://www.thebladesmith.pt/pt/> (acessível fevereiro 2022)

<https://lombodoferreiro.pt/> (acessível fevereiro 2022)

<https://lojadasfacas.pt/lombo-do-ferreiro> (acessível fevereiro 2022)

<https://pt.slideshare.net/CarolinaSantos174/cutelaria-power-point-63244796> (acessível fevereiro 2022)

<https://canalhistoria.pt/blogue/historia-promove-forjado-no-fogo-faca-ou-morte-na-feira-internacional-de-cutelaria-artesanal/> (acessível fevereiro 2022)

<https://observador.pt/2017/09/06/paulo-tuna-destas-maos-saem-as-facas-que-os-chefs-querem/> (acessível fevereiro 2022)

<https://www.icel.pt/pt/icel/empresa/sustentabilidade> (acessível fevereiro 2022)

https://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/gestao_ambiental/article/view/5972 (acessível fevereiro 2022)